

Covid_19

Afinal o que torna tão stressante a atuação do bombeiro?

COVID-19 é o nome, atribuído pela Organização Mundial da Saúde, à doença provocada pelo novo coronavírus SARS-COV-2, que pode causar infeção respiratória grave como a pneumonia. Este vírus foi identificado pela primeira vez em humanos, no final de 2019, na cidade chinesa de Wuhan, província de Hubei, tendo sido confirmados casos em outros países. (DGS, 2020)

O aparecimento deste vírus, de fácil contágio, que se transmite pelos fluídos, secreções e aerossóis, alterou radicalmente a vida em sociedade e por inerência o trabalho dos bombeiros.



*Figura 1- Uma das assustadoras imagens associadas ao Covid_19
(<https://correiodominho.pt/noticias/bombeiros-sapatores-infectados-com-covid-19-vo-receber-salario-a-100/124123>)*

A ameaça biológica invisível provocou uma pandemia mundial declarada pela OMS em 11 de março de 2020, em que fases de contágio, planos de contingência, alteração dos horários de trabalho para minimização de contacto e contágio, utilização crítica dos equipamentos de proteção pessoal passam a ser a nova normalidade nas conversas e nas notícias.

O teatro de operações, seja ele em ambiente pré-hospitalar ou fora dele como numa simples abertura de porta, num acidente de viação, num transporte de cadáver, num incêndio onde existam vítimas, onde temos de pressupor que cada um é um potencial infetado, é um ambiente de matérias perigosas.

Sim o Covid_19 é uma matéria perigosa, de risco biológico!

Uma matéria perigosa diferente das habituais, mas onde os tais círculos de trabalho, a zona fria, a zona temperada e a zona quente passam a ter uma amplitude maior, deixamos de ter zona fria, porque até no parque de bombeiros temos de nos proteger, e cada vez que saímos estamos na zona quente, passamos a ter de nos proteger em toda e qualquer situação para uma intervenção com matérias perigosas em zona temperada a quente.

Passados quase três meses de todo este "terror", questionamo-nos se só hoje estamos perante estas circunstâncias de atuação ou afinal o Covid_19 é mais uma doença grave que podemos contrair como muitas outras, transmitidas de forma semelhante, no desenrolar da nossa atividade profissional.

Efetivamente, a pandemia na sua amplitude veio mexer com os sentimentos e os procedimentos, dos bombeiros e da sociedade como um todo, quando, ou, se isto entrar dentro da rotina, nunca mais seremos os mesmos, afinal, estamos no meio dum atentado em que o período de explosão teve início e ainda não terminou. Basta pesquisar um pouco e facilmente se verifica que muitas outras doenças sempre estiveram presentes, e se contraem da mesma forma, são disso exemplos:

"A tuberculose transmite-se principalmente por via aérea através da inalação de gotículas, expelidas pela pessoa doente quando tosse, fala ou espirra. Ao inalar o ar com bacilos, estes vão depositar-se nos pulmões." (DGS, 2020)

"6 doenças transmitidas pela saliva...1. Mononucleose...2. Caxumba...3. Candidíase (sapinho)... 4. Herpes simples...5. Catapora...6. Gripe..." (Cândido, 2016)

Se pesquisarmos de forma mais aprofundada talvez vejamos que facilitamos muitas das vezes na nossa vida. Na verdade, nunca saímos

da zona temperada, o risco existe sempre com muitos outros nomes para além do Covid_19.

Neste cenário voltamos a questionar-nos se a formação ao longo da vida de um bombeiro devem ser pontas (cursos) soltas, ou o paradigma deve mudar e cada vez mais a formação ser multidisciplinar e estrategicamente alinhada com as reais necessidades, riscos e inovações de cada serviço de bombeiros.

Para repensar a formação olhemos a analogia de Seymour Papert quando nos que imaginemos:

um grupo de viajantes no tempo, entre os quais um grupo de médicos cirurgiões e um grupo de professores, que chegassem do século passado, para ver como as coisas se passam nos nossos dias. Imagine o espanto dos cirurgiões quando entrassem numa sala de operações de um hospital moderno! Os cirurgiões do século XIX não conseguiriam perceber o que aqueles fulanos, vestidos de maneira tão esquisita, estavam a fazer. Embora compreendendo que estava a decorrer uma operação cirúrgica qualquer, muito provavelmente seriam incapazes de identificá-la. Os rituais de antissepsia, a aplicação de anestésicos, os bips dos aparelhos eletrónicos e até a intensa luminosidade ser-lhe-iam completamente desconhecidos. Certamente sentir-se-iam incapazes de dar uma ajuda.

Quão diferente seria, no entanto, a reação dos professores viajantes no tempo ao entrarem numa moderna sala de aula! Talvez se sentissem intrigados pela existência de alguns objetos

estranhos, pelos estilos de vestuário e de corte de cabelo, mas perceberiam perfeitamente a maior parte do que se estava a passar e poderiam mesmo, num abrir e fechar de olhos, tomar conta da turma. Naturalmente, discutiriam entre si se as mudanças observadas foram para melhor ou para pior. (Papert, 1997, pp. 211,212).



Figura 2: Evolução dos tempos e dos perfis dos bombeiros. (imagem: http://www.firefighterfoundation.org.uk/wp-content/uploads/2015/05/DSC_0028.jpg)

A formação tem de acompanhar os tempos, os conhecimentos, a inovação, a aprendizagem, a arte de formar bombeiros tem de mudar porque o bombeiro também mudou, hoje ele é um nativo digital com características diferentes, outras capacidade motoras, e uma perspectiva face à vida e à aprendizagem que nos permitem olhar para a vida como uma vida de permanente aprendizagem. O nosso local de trabalho mudou, com novos produtos, novas composições, novas necessidades; a inovação ao serviço do bombeiro mudou trazendo melhores equipamentos de proteção, mas também uma maior exposição ao risco sem a real perceção do mesmo, a sociedade mudou e as ameaças biológicas são hoje uma realidade com a qual estamos a aprender a lidar de forma sistemática.

No seguimento dos desígnios da Organização Internacional do Trabalho, que desde a sua fundação em 1919 tem como estratégia gerir “a globalização, promover o desenvolvimento sustentável, erradicar a pobreza e garantir que todos possam trabalhar com dignidade e segurança” (Trabalho, 2007, p. 1), e dando continuidade à nossa visão, de



Figura 3 - Partes comuns entre distintas intervenções.

que o futuro da formação do bombeiro passa seguramente por uma formação multidisciplinar, consideramos que a formação em matérias perigosas, onde é preciso maximizar a ponderação e identificação do risco de exposição, da necessidade de proteção, bem como a necessidade de descontaminação, como forma de mitigar o risco da atuação sempre em conformidade com a grandeza do risco e da exposição, é um dos elos de ligação em todas as áreas de formação, tendo a consciência que o excesso de zelo nunca fez mal a ninguém!

É imperativo incluir esta área formativa, na formação inicial e ao longo da vida formativa do bombeiro, seja na temática combate a incêndios, salvamento e desencarceramento, pré-hospitalar, abertura de porta, ou outra qualquer vertente do socorro de forma estratégica e adequada.

O Covid-19 é uma matéria perigosa, o fumo e os gases resultantes dum incêndio também o são, e uma vítima com mononucleose, caxumba, ... ou outra gripe qualquer que podemos encontrar num acidente de viação ou numa “simples” abertura de porta, também são intervenções com matérias perigosas.

Não adianta dizer ao formando que deve ter “condições de segurança e precauções universais no serviço pré hospitalar”, estas devem estar sempre presentes! Para tal é preciso que em cada “ponta solta” da sua

formação seja contemplada a tão especializada formação em matérias perigosas, devidamente ajustada a cada área e com um enfoque muito especial no risco de contaminação, na imperiosidade de proteção para atuar, e na descontaminação.

Na verdade tudo aquilo com o que o bombeiro lida são potenciais matérias perigosas, o risco, a necessidade de proteção para atuar, bem como a necessidade de descontaminação devem ser diretamente proporcionais à área e grandeza da matéria em questão! É imperativo que esta área seja parte integrante de todas as áreas formativas, para que doenças profissionais ou doenças causadas por incúria ou ignorância profissional sejam eliminadas da atividade bombeiro.

Numa sociedade que evolui freneticamente e com ela os métodos, as tecnologias, com os seus lados positivos e negativos, é preciso mudar a forma como se forma, é preciso articular as características dos alunos, com os recursos existentes, com os riscos com que a sociedade se depara, é preciso estimular o formando para a sua autorregulação em todo o processo de aquisição de saber, e para a forma como coloca em prática o que sabe, e, principalmente, que o que aprende hoje não o prepara de forma vitalícia para toda a vida de bombeiro.

O formando dos dias de hoje deve ser estimulado (Alvin Toffler) a ter a capacidade de aprender, desaprender e reaprender tantas vezes quanto necessárias caso contrário com muita facilidade é enquadrado no perfil do analfabeto deste século.

Como costumamos referir, a melhor forma de estar preparado é ter a consciência que nunca estamos preparados, devendo estar sempre numa constante aquisição de conhecimentos. A aprendizagem ao longo da vida deve ser uma constante, pelas mais diversas vias sejam elas, formais ou informais, num construto de desenvolvimento vocacional.

Devemos ser conscientes que envelhecemos desde o dia e em que nascemos até ao dia em que finamos e nesse intervalo, aprendemos a

ler, aprendemos uma arte para trabalhar e nos sustentarmos, mas ao aprender ao longo da vida, aprenderemos acima de tudo a nos adaptarmos de forma inclusiva em cada fase da nossa vida, contribuindo para a vida em cidadania.

Ter consciência de partilha e de inclusão são parte dos salutares condimentos do contributo para a cidadania plena!

Referências

- Cândido, M. (10 de 02 de 2016). 6 doenças transmitidas pela saliva. (exame, Ed.)
Obtido em 04 de 2020, de <https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/6-doencas-transmitidas-pela-saliva/>
- DGS, D. g. (03 de 2020). SNS 24. Obtido em 04 de 2020, de <https://www.sns24.gov.pt/tema/doencas-infecciosas/covid-19/#sec-0>
- Papert, S. (1997). Uma família em rede. Em S. Papert, *Uma família em rede* (pp. 211, 212). Relógio D'Água.
- Trabalho, B. I. (2007). Locais de Trabalho Seguros e Saudáveis. Tornar o trabalho digno uma realidade. Em O. I. Trabalho, *Safe and healthy workplaces. Making decent work a reality*. Genebra.